



UMA PONTE PARA ANDRIĆ

Oliver Antić

UMA PONTE PARA ANDRIĆ

**VENCEDOR DO PRÉMIO NOBEL DA
LITERATURA DOUTOR IVO ANDRIĆ,
UM ESCRITOR PARA TODOS OS TEMPOS**

FICHA TÉCNICA

Título: *Uma ponte para Andrić. Vencedor do Prémio Nobel da Literatura*
Doutor Ivo Andrić, um escritor para todos os tempos

Autor: Oliver Antić

Capa: Ivo Andrić recebe o Prémio Nobel da Literatura, em 1961

Paginação: Luís da Cunha Pinheiro

Edição: Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias, Faculdade de
Letras da Universidade de Lisboa

Lisboa, Maio de 2019

ISBN – 978-989-

Esta publicação foi financiada por fundos nacionais através da FCT – Fundação
para a Ciência e a Tecnologia, I.P. no âmbito do Projecto «UID/ELT/UI0077/
2019»

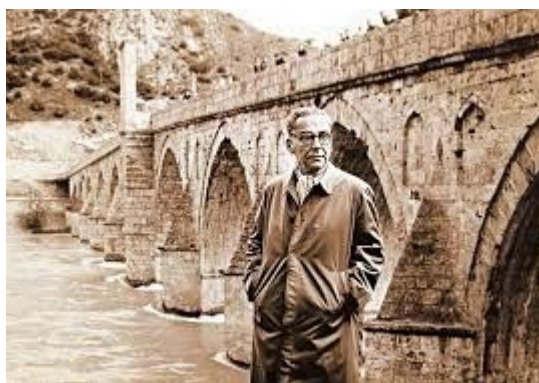
Oliver Antić

**Uma ponte para Andrić
Vencedor do Prémio Nobel
da Literatura Doutor Ivo
Andrić, um escritor para
todos os tempos**

CLEPUL

Lisboa

2019



Trazer a luz da verdade científica
aos eventos do passado significa
que servimos o presente.

Ivo Andrić

No seu trabalho «*Uma nota sobre Palavras*» (*História e Lenda; Beleška o rečima – Istorija i legenda*, Prosveta, Belgrado, 1997, p. 57), Ivo Andrić disse que todos os artistas, músicos, pintores, escultores, dramaturgos e realizadores, têm ao seu dispor «vários meios visíveis e tangíveis que utilizam para se expressar. O escritor é o único que não tem nada mais além das palavras.» Claro que a palavra como modo de expressão é também usada por aqueles que lidam com as artes liberais, porque eles mesmo, de um modo geral, são considerados escritores. Andrić também começou a sua carreira como escritor, *grosso modo* – trabalhando na sua tese doutoral. O seu monumental edifício literário é, de facto, baseado na ciência, no seu trabalho científico – na dissertação de doutoramento¹.

A obra de Ivo Andrić, vencedor do Prémio Nobel da Literatura em 1961, faz parte do Património Literário e Cultural Mundial. Como cidadão do Mundo, como é regularmente apontado, Andrić, apesar de tudo, escolheu ser um escritor sérvio. É costume afirmar-se este facto de forma incontroversa, mas a natureza desta decisão raramente foi considerada aprofundadamente. Nasceu em Dolac, perto de Travnik, em 1892, no território que em tempos pertenceu ao Império Romano, à língua e território cultural, nacional e medieval sérvio, ao Império

¹ Ver O. Antić, *Temelji Andrićeve duhovne gradjevine, Zbornik radova Akademije nauka i umjetnosti Republike Srpske*, Banja Luka, 2012, p. 379-399.

Otomano, ao Império Austro-Húngaro, à Jugoslávia, e, hoje, à Bósnia e Herzegovina. Completou o ensino secundário numa escola em Sarajevo, estudou em Zagreb, Viena, Cracóvia e Graz. Foi um membro do movimento «Jovem Bósnia», como muitos outros sérvios notáveis da altura, razão pela qual foi preso e encarcerado durante a 1ª Guerra Mundial. Foi eleito membro da Academia Real Sérvia das Ciências e Artes em 1926, e em 1939 tornou-se membro efectivo. No Reino da Jugoslávia, foi um diplomata (cônsul, embaixador e ministro-adjunto dos Negócios Estrangeiros). Durante a 2ª Guerra Mundial viveu na Sérvia ocupada, em Belgrado, num apartamento da rua Prizrenska, onde escreveu duas obras-primas, *Crónica Bósnia* e *A Ponte sobre o Drina*. A Sérvia e o seu povo foram as suas diretrizes permanentes. «Eu poderia viver enquanto estiver nas minhas mãos viver e morrer em paz comigo mesmo, como homem pobre, mas apenas e só se for na minha pátria e no seio das pessoas que falam a minha língua, e não num país estrangeiro.» Efetivamente, as suas personagens irradiam uma força épica, tão presente na literatura, tradição e poemas medievais folclóricos da Sérvia, que J. W. Goethe² os tinha na mais elevada estima, e que são, por vezes, no que toca a personagens femininas, flexíveis, suaves e quase impercetíveis, tal como em poemas folclóricos sérvios, transformadas num lirismo aconchegante. Claro que Andrić não era estranho à expressão lírica: pelo contrário, foi desta forma que iniciou a sua carreira literária,

² Numa das suas viagens à Itália, Johann Wolfgang von Goethe reparou no livro *Viagem à Dalmácia* (*Viaggio in Dalmazia*), escrito por Alberto Fortis, uma balada sérvia que Fortis anotou e traduziu para a língua italiana. Estudando poesia comparativa de vários povos, Goethe familiarizou-se também com os poemas folclóricos sérvios, sendo que estes o impressionaram profundamente, motivo pelo qual declarou que, em termos civilizacionais, estes se encontram ao mesmo nível que a *Ilíada* e *Odisseia* de Homero. Encantado com «Hasanaginica», que com cores vívidas retrata uma mulher invulgar, e o destino trágico da mulher na linha fronteira de civilizações em conflito, Goethe traduziu o poema para Alemão em 1775 (apenas um ano depois da tradução de Fortis e do grande sucesso da sua obra *A Paixão do Jovem Werther*). Depois da tradução de Goethe, a obra foi traduzida para Inglês (por um escocês, Sir Walter Scott, 1798), Russo (por Alexander Sergeyevich Pushkin, 1835) e Francês (por Prosper Mérimée, 1827). No final, «Hasanaginica» acabou traduzida para mais de 40 línguas.

antes de escrever a sua tese de doutoramento (p. e., *Ex Ponto, Agitação*). Morreu em Belgrado, em 1975.

Numa altura em que Broz (Josip Broz Tito, 1892-1980) governava a Jugoslávia, quando era fácil e lucrativo ser outra pessoa, Andrić escolheu, tal como Meša Selimović³, a orientação sérvia. De forma a evitar confusões, visto que era um tempo de negação generalizada da natureza sérvia (rejeição em reconhecer os sérvios de denominação católica ou muçulmana), escreveu com a sua própria caligrafia, em 1951, na coluna de afiliação nacional – Sérvio. O *opus* literário imponente de Andrić foi sujeito a um grande número de análises, interpretações e críticas científicas. De qualquer forma, parece que o seu único trabalho científico, que serviu de base para as suas obras literárias mais extraordinárias, não foi suficientemente destacado na literatura.

No prefácio da sua tese de doutoramento, Andrić regista algo extremamente importante: «*Na sua substância, e de acordo com a ideia básica, esta dissertação está ligada a outros trabalhos que deixei preparados de outra forma e noutra ocasião.*» É óbvio que a recolha extensa, planeada e sistemática de material, particularmente dos arquivos austríacos, de forma a poder ser utilizado para a escrita da sua tese, inspirou o autor, já na altura, a estabelecer objectivos mais abrangentes – «*Trazer a luz da verdade científica aos eventos do passado significa que*

³ Grande escritor sérvio, nascido em Tuzla (na actual Bósnia e Herzegovina). Tudo o que foi dito sobre a região onde Andrić nasceu pode estender-se a Selimović. Saliente-se que o primeiro destes dois grandes homens, Andrić, nasceu católico, e o outro, Selimović, muçulmano. Nas suas vidas adultas, escolheram, apesar das tendências da altura, pressões e «credenciais políticas», regressar à nação dos seus famosos e torturados antecessores. Foi a reacção das pessoas dignas de elogio em relação à revolta sobre a dignidade e divisão provocada pelos indignos desse elogio. Na sua carta à Academia Sérvia das Ciências e Artes, em 1976, Meša Selimović escreve: «Venho de uma família muçulmana e por nacionalidade sou sérvio. [...] Eu pertenço, portanto, à nação e literatura de Vuk, Matavulk, Stevan Sremac, Borislav Stanković, Petar Kočić, Ivo Andrić. . . » Acrescentando, no final: «Não é por acaso que escrevo à Academia Sérvia das Ciências e Artes solicitando expressamente que este facto seja tomado como informação biográfica válida.» Para além disso, o nome de família dos seus antepassados, antes da sua conversão ao Islão, era Vujović. Os seus trabalhos mais relevantes são: *Derviš i smrt* (*A Morte e o Dervish*, 1966), *Tvrđjava* (*A Fortaleza*, 1970), *Ostrvo* (*A Ilha*, 1974), *Sjećanja* (*Memórias*, 1976).

servimos o presente», costumava ele dizer. A razão para tal pensamento é que o silêncio em relação à relevância da dissertação de Andrić dentro do seu domínio, acreditamos, é exclusivamente ideológico-político e deve ser encarado no quadro da forma de governo encabeçada por Tito na Jugoslávia do pós-guerra. Tal atitude, parece, não se encontra totalmente desactualizada ainda hoje. Até a data da morte de Andrić se tornou refém do tributo político-ideológico⁴.

Ivo Andrić defendeu a sua dissertação na Faculdade de Filosofia de Graz, em 1924, sob o título *Die Entwicklung des geistigen Lebens in Bosnien unter der tuerkischen Herrschaft (O Desenvolvimento da Vida Espiritual na Bósnia sob a Influência da Governação Turca)*. No mesmo ano, a 13 de Junho, obteve o diploma de doutor em Filosofia.

A dissertação de Andrić anunciou a sua orientação. Enquanto trabalhava na tese, o autor recolheu e familiarizou-se com uma vasta literatura, conservada (em Latim, Alemão e Sérvio) nos arquivos e bibliotecas austríacas. Andrić encontrou-se, deste modo, no melhor local e fonte de informação, dado que todos os países circundantes tinham sido privados, umas vezes devido a guerras e devastação associada, outras vezes devido a intencionais obstáculos colocados na busca da verdade de documentos cientificamente relevantes.

Como homem bastante instruído, Andrić conhecia bem aquilo que a *jihad* tinha conseguido, no sentido civilizacional, com a invasão e destruição de Tsargrado (Carigrad, em Sérvio), mais conhecida por Constantinopla (em Turco, Istambul). Por isso, na primeira frase da sua dissertação, no prefácio, escreveu: «*Foi dito que, com a invasão de Tsargrado, “a civilização europeia ficou ferida”*».

⁴ Ivo Andrić morreu em Belgrado, em Março de 1975, e no mesmo dia Veljko Vlahović, um notável comunista que participou na guerra civil espanhola, companheiro de armas de Tito durante a 2ª Guerra Mundial, um major-general, herói nacional, morreu em Genebra. De acordo com as posições políticas da altura, a preferência recaiu sobre o detentor das altas posições governamentais e políticas, pelo que a data da morte e funeral do vencedor do Prémio Nobel foi adiada por alguns dias. (Ver O. Antić, *Usmeni testament*, Belgrado, 1978).

O primeiro capítulo da sua tese debate-se com a vida espiritual na Bósnia antes da invasão turca. O autor, primeiro que tudo, escreve sobre o entrelaçamento das influências romanas e bizantinas; depois, sobre os laços familiares e influências políticas das famílias governantes, e, antes de mais, com as cortes sérvia e húngara, e também de Dubrovnik. A vida espiritual da altura foi substancialmente influenciada por circunstâncias religiosas, unidas pela influência das igrejas católica, sérvia ortodoxa e dos bogomilos (patarenos, cátaros, albigenses, babuni).

Titular da influência católica na Bósnia era a Hungria. Governantes sérvios ortodoxos, durante o declínio do poder bizantino, tentaram, quando confrontados com o perigo muçulmano, encontrar apoio cristão inclusive na parte católica da Europa. Nesse sentido, Stefan Kotromanić, mais ou menos um século antes da Batalha do Kosovo (1389), e um pouco mais de um século antes da queda de Tsargrado (Constantinopla, 1453), apesar de ser um governante ortodoxo oriental, ajudou, por razões políticas, o Catolicismo disseminado pelos franciscanos. Os mesmos motivos levaram alguns sérvios ortodoxos a converter-se ao Catolicismo, acto repetida por Tvrtko I e Stefan Tomaš, por exemplo. Este último, sob a insistência dos húngaros, ordenou a conversão ou evacuação dos bogomilos, o que levou a guerras religiosas, numa das quais pereceu Stefan Tomaš. O seu filho Stefan Tomašević deu continuidade à mesma política, que contribuiu para a instabilidade, confrontos permanentes no país e declínio da Bósnia.

A nobreza sérvia e a Igreja Ortodoxa Sérvia tiveram a maior e mais directa influência nos eventos da região, maioritariamente habitada por sérvios, razão pela qual os governantes sérvios foram coroados suseranos das amplas regiões da Bósnia e Dalmácia. Por exemplo, Stefan, o Grande (filho de Stefan Nemanja) foi coroado, em 1217, rei de todas as terras sérvias, assim como de Duklja, Dalmácia, Travunia e Zachlumia (Zahumlje). São Sava entronizou o bispo de Hum (com residência em Ston – presentemente, na Croácia), em 1219, chegando às fronteiras do Reino da Sérvia, isto é, até ao rio Neretva (atualmente, na Bósnia e Herzegovina e Croácia). O Metropolita da Igreja Sérvia Ortodoxa (de Mileševa) entronizou Stefan Tvrtko I como Rei da Bósnia e Sérvia, em

1377. No entanto, o desenvolvimento da Igreja Ortodoxa Sérvia e a sua influência nos eventos posteriores foi prejudicada por constantes conflitos com os católicos e bogomilos.

Os bogomilos (patarenos) acreditavam representar a «Igreja Bósnia» (promoviam um dualismo de acordo com uma divindade superior que teria criado tudo, pertencente ao espiritual e invisível, e uma divindade menor – Lúcifer, responsável por tudo o que fosse material e visível). Esta concepção dualística dos bogomilos (como forma de dialéctica específica) deixou um rasto concreto nas obras de Andrić. Por exemplo, em «Conversa com Goya», Andrić (através da personagem de Francisco Goya) discute as origens demoníacas da arte: há uma lenda em que o Anticristo, quando aparecer na Terra, construirá tudo o que já foi feito por Deus, mas com maior perícia e perfeição. As suas abelhas não terão ferrões e as suas flores não murcharão tão depressa como as que encontramos na natureza. Desta forma, ele atrairá os gananciosos e crédulos. O artista é talvez o precursor do Anticristo. Talvez milhares e milhares de nós estarão «brincando com o Anticristo», tal como crianças que no meio da paz brincam à guerra: «[...] vivendo entre pessoas, eu sempre me perguntei porque é que tudo o que é reflexivo e espiritual nas nossas vidas é tão frágil, sem qualquer capacidade de defesa e desarticulado em si mesmo, tão obnóxio para a sociedade de todos os tempos e tão estranho para a maioria das pessoas. Então, cheguei a uma conclusão. Este mundo é o império das leis materiais e da vida animal, sem qualquer sentido ou objectivo, com a morte como fim de tudo. Tudo o que, nele, é reflexivo e espiritual aconteceu assim por acidente, de forma semelhante às civilizadas pessoas naufragadas que [...] se encontram numa ilha distante com um clima bastante diferente, habitado por animais e homens selvagens. Por esse motivo, as nossas ideias levam consigo o carácter trágico dos bens salvos no naufrágio.» (*História e Lenda*, p. 13, 24) Ou, nos «Caracteres»: «o mundo aparece-me em duas formas distintas e opostas» (*História e Lenda*, p. 28).

A seita bogomilista (criada dentro das seitas paulistas e maniqueístas) é proveniente da Bulgária do séc. X, mas não conseguiu subsistir na Sérvia, um estado governado pela dinastia ortodoxa de Nemanjić,

razão pela qual os seus seguidores se dirigiram para as regiões da Bósnia, longe do alcance do governo ortodoxo sérvio. De qualquer modo, o Catolicismo abateu-se sobre os bogomilos de forma mais feroz e, nessa violenta luta contra o Ocidente, «o bogomilismo, finalmente, sob determinadas circunstâncias, colocou o país sob o jugo do Oriente. A propaganda católica, usando os meios supracitados, teve a sua quota-parte neste evento desastroso.» Nestas circunstâncias, a Bósnia actuou como Bizâncio e alguns governantes sérvios, uma vez que se virou para «os turcos, a fim de obter ajuda quando os interesses pessoais ou faccionários» prevaleceram (Andrić, *História e Lenda*, p. 19-20).

Com enorme preocupação, entre a espada e a parede, se viu o déspota Djuradj Branković⁵, o governante sérvio de estado diminuído e exausto: quando confrontado com uma escolha entre o sultão turco, que lhe prometeu a liberdade de culto, e o regente húngaro Hunyadi, que exigiu a conversão ao Catolicismo, o déspota Djuradj Branković colocou-se ao lado do sultão. O déspota reconheceu que, mantendo viva a chama da fé, factor determinante da nação sérvia, salvaria a essência fundamental da Sérvia, não apenas para esses tempos, mas também para as gerações vindouras; *pro futuro*, parece que ele estava correcto.

Stefan Tomašević⁶, o último rei bósnio, enviou uma carta ao Papa Pio II pedindo desesperadamente ajuda, e nela, *inter alia*, escreveu: «Os turcos construíram várias fortalezas no meu país e tratam os camponeses de forma amável; eles prometem a liberdade a quem renunciar às suas crenças. A mente simples do camponês não entende os enganos e crê que essa tal liberdade irá durar para sempre.» Os turcos introduziram-se pela força país adentro, dividido política e socialmente, exposto à anar-

⁵ O governante sérvio Djuradj Branković de Smederevo, nascido em 1377, em Priština (Kosovo e Metohija), morreu em Smederevo, em 1456. Era filho de Vuk Branković e Mara, filha do príncipe Lazar, caído no campo da batalha quando liderava o exército sérvio contra o imperador turco Murat, na Batalha do Kosovo, em 1389.

⁶ Stefan Tomašević Kotromanić (1438-1463) foi o último governante sérvio da dinastia de Kotromanić: déspota sérvio de 21 de Março a 30 de Junho de 1459, e rei dos sérvios da Bósnia, de Primorje (Litoral), Zahumlje (Zachumlia, Donji Kraji (Regiões Baixas), província de Usora, província de Soli, Podrinje (vale do Drina), e terras do Ocidente, de 10 de Julho de 1461 a 5 de Junho de 1463.

quia, e foram bem-sucedidos, muito por culpa das suas acções, de forma absolutamente centralizada, conjugando disciplina de aço e obediência cega. Paralisantes «conflitos religiosos na Bósnia foram contrariados com fé firme e poder de resistência, que nunca foi mitigado». Ao encerrar o primeiro capítulo da dissertação com estas palavras, Andrić diz que os pré-requisitos do desastre já aí se encontravam e 1463 foi o ano do colapso generalizado e do desastre inglório que lentamente se aproximava.

O segundo capítulo da tese de doutoramento é dedicado à *disseminação do Islão* como consequência directa do governo turco. No início desse trabalho, Andrić diz que, no momento mais crítico do seu desenvolvimento espiritual, a Bósnia foi «invadida por uma nação guerreira asiática cujas instituições sociais e costumes se opunham à cultura cristã e cuja fé – desenvolvida num clima e condições sociais distintas impróprias para qualquer tipo de adaptabilidade – quebrou a vida espiritual no país, distorceu-a e tornou-a assaz particular». Numerosas pessoas abastadas e que usufruíam de altas posições sociais aceitaram a fé do invasor apenas para manter os seus bens. Aconteceu, então, que se ergueu uma barreira separando a raça e língua servo-croatas em duas metades, «e a sua sombra, sob a qual a difícil história de quatro séculos se tinha vindo a desenvolver, viu-se obrigada a exercer pressão nas margens dos dois lados, até ao futuro longínquo.» (*Ibidem*, p. 25-26). Em vez de se ligar à região do Danúbio e do mar Adriático e tomar parte no desenvolvimento cultural da Europa cristã, a Bósnia e Herzegovina, uma vez islamizada, tornou-se um obstáculo complicado para o Ocidente cristão.

No que toca à islamização, os turcos, mesmo depois do declínio do estado sérvio, agiram com alguma contenção, especialmente na presença do exército húngaro, até à queda de Jajce (1528), sendo que, depois desse evento, a islamização tornou-se rápida e implacável. Os que quisessem manter a sua propriedade e o seu poder, nomeadamente para continuar com os privilégios subjacentes, teriam de se converter ao Islão. Aqui, Andrić refuta de forma decidida as alegações de alguns autores islâmicos, que podem ser encontradas até aos dias de hoje, de que

não há provas de ter havido conversão forçada (conversão do Cristianismo para o Islão). O proprietário bósnio tomou o partido do «reino terrestre» e adoptou a fé dos invasores⁷. De qualquer modo, os beis bósnios, mesmo durante o pico do governo turco, mantiveram os «privilégios tradicionais e estatutos dos governantes cristãos (!), de forma a colocá-los em evidência caso a Bósnia fosse retomada por um governante cristão» (*Ibidem*, p. 27-28; ver também nota 14). Andrić cita Njegoš⁸, cuja obra, nas suas palavras, é tida como a expressão mais fiel da forma de pensar e das opiniões do povo: «Eles eram generosos para os lavradores, os tímidos e gananciosos convertidos em turcos.» O mesmo é dito pelo franciscano I. F. Jukić, quando escreve que os muçulmanos bósnios «são cristãos perversos que não foram capazes de descobrir outra forma de manter o seu poder, a não ser transformarem-se em turcos»... *A Nova Lei*, como eles designavam a *nova fé*, «assegurou-lhes propriedades e riquezas, libertando-os de impostos e tributos, permitindo-lhes qualquer acto pecaminoso, e, sem esforço nem trabalho árduo, puderam governar como proprietários» (*Ibidem*, p. 29, notas 17, 18).

Na sua dissertação, Andrić dedica muito do seu tempo ao sistema imposto pelo invasor e que foi de grande importância na vida espiritual da Bósnia, isto é, o tributo de sangue (Turco: *devşirme*; Grego: *παιδοδομζωμια*, *paedomazoma*).

Mais precisamente, a cada quatro ou cinco anos, os mais capazes e mais belos rapazes, habitualmente entre os oito e os dez anos, e, excepcionalmente, mais velhos (até aos quinze anos; às vezes, até aos vinte), eram roubados às suas famílias e tornados escravos em Tsargrado (Constantinopla) – os melhores para o palácio do sultão, os restantes espalhados pela Turquia. O treino levava de três a sete anos; as crianças

⁷ Andrić alude aqui à tradição que dá o príncipe Lazar, com a sua morte na Batalha do Kosovo, em 1389, como escolhendo, não o «Reino Terrestre», que lhe poderia oferecer bens e conforto terrestre, caso se submetesse ao inimigo e à adopção do Islão, mas, sim, o «Reino dos Céus», que traz, devido à resistência heróica e morte em combate, a «honrada cruz e liberdade dourada», fama eterna e vida eterna na Sérvia Celestial.

⁸ Príncipe-Bispo Petar II Petrović Njegoš (1813-1851), incontestavelmente um dos maiores poetas e filósofos sérvios e, ao mesmo tempo, o maior governante de Montenegro.

convertiam-se ao Islão e serviam no exército (janízaros) ou outras repartições públicas (administração, estaleiros, jardineiros, etc.). Alguns tornavam-se mesmo beis, vizires, e mesmo grão-vizires do império – como no caso de Sokollu Mehmed Pasha⁹, que, querendo compensar a sua pátria, construiu, em 1577, a *Ponte sobre o Drina*, eternizada na literatura através de Andrić.

O autor cita Bartolomej Georgijević, que, prisioneiro, passou vários anos na Turquia, e teve a oportunidade de conhecer pessoalmente a situação dos cristãos sob governação turca, ficando com uma impressão particularmente séria da ferocidade do sistema do tributo de sangue turco, quando as mais belas crianças cristãs eram levadas para longe das suas famílias, e posteriormente perdiam a fé e a identidade. «Não tenho palavras adequadas para expressar os sentimentos dos pais e os seus uivos de dor e lamentações, gemendo e cantando monotonamente,

⁹ Sokollu Mehmed Pasha (1505/6 -1579) nasceu numa família sérvia ortodoxa, como Bajo Nenadić; o pai chamava-se Dimitrije. Foi titado à família como parte do sistema otomano de *devşirme* e convertido ao Islão. Como janízaro excepcionalmente inteligente, obteve a melhor educação. Foi comandante da guarda imperial, almirante (Kapudan Pasha), governador (Beglerbeg) da Rumelia, terceiro vizir, segundo vizir (nessa posição, casou-se com a neta de Suleiman I – Esma Han) e finalmente grão-vizir (*Vežir-i Azam*) do Império Otomano. Manteve a posição de grão-vizir durante o governo dos três sultões – Suleiman I, o Magnífico, Selim II e Murad III –, num total de 14 anos, três meses e 17 dias. Fora dos 210 grão-vizires do Império Otomano, os historiadores turcos concordam que Sokollu Mehmed Pasha merece o epíteto de O Maior Grão-Vizir. Ele recompensou o povo sérvio o mais que pôde: obteve um *berat* (autorização formal garantindo um privilégio), que permitiu o restauro do Patriarcado de Peć, em 1557 (Kosovo e Metohija), e assegurou a liberdade de culto para todos os habitantes do império; fez do seu irmão Makarije Sokolović um patriarca sérvio; construiu uma fonte em Belgrado (Fonte Mehmed Paša Sokolović – perto da parede noroeste da Vila Superior da Fortaleza Kalemegdan); construiu uma igreja cristã na vila de Pobraće, perto da vila de Priboj (a tradição conta que esta se erigiu no lugar do sepulcro onde sua mãe repousava). (A fonte em Belgrado e a igreja de Pobraće foram construídas em estilo sarraceno). Ajudou um homem de origem sérvia, nascido nas proximidades de Belgrado, a tornar-se almirante da armada otomada – Piali Mehmed Pasha; contruiu quatro pontes: Ponte Arslanagića (Arslanagića most), em Trebinje, Ponte da Cabra (Kozija ćuprija), em Sarajevo, Ponte do Vizir (Vežirov most), em Podgorica, sobre o Žepa, e a mais bela de todas, sobre o Drina, que é, graças ao romance de Andrić, *A Ponte sobre o Drina*, a mais famosa.

quando as suas crianças eram removidas dos braços e colos dos seus progenitores por animais selvagens.» (*Ibidem*, p. 30). Nomeadamente, a cada cinco anos (a partir de 1467, e durante o séc. XVII), eram enviados de Tsargrado oficiais militares (chamados «telosnici», em Sérvio) que atravessavam o país de ponta a ponta, obrigando cada proprietário a informar sobre o número de crianças e mostrá-las ao oficial, que poderia escolher a mais saudável e mais bela para levar. O progenitor, às vezes, encontrava forma de o evitar, com subornos, e os mais pobres chegavam a mutilar as suas crianças, evitando que fossem levadas para Tsargrado. O sistema de tributo de sangue trouxe confusão ao país, despedaçando famílias e dividindo o povo.

A influência das instituições islâmicas na população não-muçulmana

No terceiro capítulo, o autor estuda a influência das instituições administrativas do Islão, personificadas no governo turco, na vida da população *não-islamizada*. Os únicos regulamentos da vida pessoal, social, material e espiritual nas terras ocupadas pelos turcos eram prescritos pelo Islão. Sobre as condições de vida dos não-muçulmanos, parte pode ser encontrada no Kanun-i-Rayah (coleção de leis escritas para rayah), que foi passado por Omar Al-Khattab, em 635, e aplicável aos cristãos e judeus de Damasco nos tempos de ocupação. Kanun-i-Rayah, de facto, contém proibições e humilhações para não-muçulmanos, especificamente em 24 provisões (por exemplo, não podem construir mosteiros, igrejas ou eremitérios, ou restaurá-los; a todos os viajantes de passagem será dada hospitalidade por três dias; estão também proibidos de fazer julgamentos na sua comunidade; não podem montar um cavalo com sela nem usar armas, dentro ou fora de casa; não podem usar cruces nem exibir a Bíblia, etc.). Além disso, os não-muçulmanos na Bósnia, durante a invasão turca das terras cristãs, para além dos impostos e trabalho, tinham de fazer outros sacrifícios consideráveis devido aos requerimentos de guerra e à arbitrariedade militar. Estas foram as razões para os cristãos fugirem das terras baixas e regiões férteis e mudarem para áreas

inacessíveis, escarpadas e montanhosas, enquanto os muçulmanos ocupavam as terras outrora habitadas por eles. Estes aglomerados populacionais podem ainda hoje ver-se na Bósnia. Os cristãos que se mantiveram nestes locais ou em áreas próximas sofreram outras proibições: proibição de plantar vinhas e produzir vinho; proibição de engordar e vender porcos; proibição de fabrico de arneses, couro, velas; proibição de venda de mel, manteiga e outros produtos (por exemplo, fazer facas e armas, e praticar outras quinze profissões).

No propósito de destruir a fé cristã, vários métodos foram aplicados. Assim, apenas o domingo estava fixado como dia de mercado para toda a Bósnia (o dia de devoção a Deus no Cristianismo, dia de folga em que as pessoas vão à igreja. . .), pelo que os cristãos teriam de escolher entre negligenciar a sua fé ou sofrer danos materiais substanciais! Deriva daí, provavelmente, a inspiração de Andrić para «A História do Sal» (1955). Não podemos, no entanto, viver sem sal, e não há sal nas altas montanhas das vilas sérvias ortodoxas. Tem que se descer ao vale, para ver os sérvios de denominação islâmica (turcos) satisfazer essa necessidade existencial. É uma escolha *shakespeareana* – *ser ou não ser*; uma escolha põe em perigo a outra. Ser deste mundo leva a não-ser no mundo celestial. Entre «o sal e o homem, caro, mas necessário sal, e o maldito homem que sempre precisa de algo, entra quem puder e quem o fizer». A vila actua com moderação, imagina que, tomando uma atitude subjectiva firme, pode substituir a objectividade, trocar o sal pelas cinzas, mas por quanto tempo mais agiremos assim? O fogo na lareira está a apagar-se, lenta e imperceptivelmente.

O *haraç* (imposto para não-muçulmanos no Império Otomano, reunidos entre a população não-islamizada) consistia num ducado por ano, e era obtido de forma humilhante e arbitrária. Nomeadamente, este tributo afectava cada criança masculina de 14 anos para cima, mas o colectores de tributo, uma vez que não havia registos de nascimento paroquiais, determinavam a idade da criança por medidas de cabeça e pescoço, o que levou a vários abusos, e, em breve, cada criança masculina, independentemente da idade, era submetida ao *haraç*. A proibição de construir ou restaurar locais de devoção cristãos era rigorosamente

controlada, apesar de haver excepções que custavam bastante devido a dispendiosos subornos. Hospitalidade gratuita de três dias para muçulmanos à custa dos cristãos existia e foi abusivamente explorada até ao fim da governação turca, donde o ditado: «Não há Inverno sem vento, nem convidado maldito sem um turco». Também por esse motivo, ainda existe na Sérvia este provérbio: *Passados três dias, convidados e o peixe começam a feder*. No final do séc. XIX, quando, excepcionalmente, se permitia colocar sinos nalgumas igrejas, os muçulmanos (de Kreševo, por exemplo) queixavam-se que «o ouvido turco não pode viver onde o sino dobra», e as suas mulheres batiam em pratos de cobre, como que a disfarçar o som dos sinos. (*Ibidem*, p. 41-42)

A existência de literacia e livros é de grande importância para a cultura de cada nação. A primeira oficina de impressão gráfica com uma prensa móvel foi fundada em Obod, perto de Cetinje (agora, em Montenegro), um ano depois da descoberta da América – 1493; a segunda, em 1520, em Goražde (actualmente, na Bósnia e Herzegovina); e a seguinte em Mileševo, em 1533. E enquanto as oficinas se disseminavam pela Europa, aperfeiçoando o seu trabalho, na Sérvia, estas eram fechadas, e até à segunda metade do séc. XVI não houve mais sinal delas. Era efectivamente proibido receber papéis provenientes do Ocidente cristão, e a infringir esta proibição era severamente punido com prisão e agrihoamento. A primeira oficina que imprimiu textos para os cristãos foi autorizada por Topal Osman Pasha, em Sarajevo, por volta de 1866.

Um grande número de oficiais turcos na Bósnia vivia de subornos e cobranças de impostos. Nem oficiais administrativos nem judiciais tinham salários fixos, e chegavam ao posto «comprando-o». «Corrupção que, ao que parece, os turcos demonstravam como vício da sua raça, logo que apareceram nesta região; com o passar do tempo, durante o declínio do seu poder, tornou-se cada vez maior, espalhando a sua influência maligna e desastrosa pelo país.» (*Ibidem*, p. 49). Na nota 77, na mesma página, é dito que, desde o início do séc. XV, quando os turcos apareceram pela primeira vez, alguns cidadãos de Dubrovnik escreveram que «os Turcos não fazem nada sem um suborno». É por isso que entre os cristãos se manteve uma desconfiança para com o estado, indi-

ferente ao bem comum, assim como a suspeita de que justiça terrestre não pode ser realizada. Todos os académicos que lidaram com a Bósnia e o seu passado, diz Andrić, «servo-croatas e estrangeiros, concordam (e todos eles mais ou menos o expressam) em que a influência da governação turca foi absolutamente negativa». No final desse capítulo, conclui: «Se, em relação aos eslavos do Sul, que adoptaram o Islão, os turcos não puderam oferecer nenhum enquadramento cultural ou missão histórica superior, já os subordinados cristãos, no entanto, graças ao seu governo, perderam os seus costumes e decaíram em todos os aspectos.» (*Ibidem*, p. 50)

Vida Espiritual dos Católicos

O quarto capítulo discorre sobre a vida espiritual dos cristãos católicos e as actividades dos franciscanos. Na verdade, os primeiros missionários católicos foram os dominicanos, mas rapidamente, na primeira metade do séc. XII, foram substituídos pelos franciscanos. Uma vez que os católicos daquele tempo eram exclusivamente mineiros imigrantes, alemães (saxões) ou romanos da Dalmácia (de acordo com a presente terminologia, italianos), os franciscanos começaram a converter a população local, os bogomilos e cristãos ortodoxos; a conversão do penúltimo rei, Stefan Tomaš, pode ser explicada pela influência dos franciscanos. Imediatamente antes da invasão turca, o vicariato bósnio cobria uma área que incluía partes da Croácia, Eslavónia, Dalmácia e da Albânia actual. A invasão turca resultou no colapso do reino e no desmoronamento da organização da Igreja Católica. A maior parte da nobreza e do campesinato fugiu da Bósnia aquando da transladação das relíquias sagradas de São Lucas para o Ocidente. No entanto, de acordo com algumas fontes históricas, o déspota Djurdj Branković comprou as relíquias sagradas de São Lucas ao sultão Murat II por 30 000 ducados. Depois da invasão turca da Bósnia, a última rainha, neta de Djurdj e filha de Lazar Branković, de nome Jelena, após casar com Stefan Tomašević, o último déspota sérvio (1459) e último rei Bósnio (1461-1463), trouxe como dote as relíquias sagradas de São Lucas da Sérvia.

Com este matrimónio, Jelena regressou ao Catolicismo e mudou o seu nome para Maria¹⁰.

Depois da morte de Stefan Tomaš, a 10 de Julho de 1461, o seu filho Stefan Tomašević sucedeu-lhe no trono e, confrontado com a iminente invasão turca, pediu ajuda ao Papa romano, mas o Papa, em vez de ajudar, enviou-lhe a coroa real. Em 1463, o rei Stefan pediu ajuda à República de Veneza, numa altura em que as relíquias de São Lucas lá se encontravam, mas esta nunca chegou. Mehmed II invadiu, a seguir, e assumiu o trono real de Bobovac. O rei deslocou-se para a cidade fortificada de Jajce e, depois da sua ocupação, para a cidade de Ključ. Apesar da promessa de que a sua vida seria poupada, depois da rendição de Ključ, o rei Stefan Tomašević foi levado para Jajce e decapitado num vale próximo, posteriormente chamado Carevo Polje (O Campo do Imperador). Os seus restos mortais encontram-se no mosteiro franciscano de Jajce. De acordo com algumas fontes, a rainha Maria conseguiu escapar com os filhos para a costa adriática, onde desapareceu para sempre.

Os franciscanos, uma vez que o país se encontrava despovoado, pediram, e conseguiram, que Mehmed, o Conquistador protegesse a sua igreja em 1464, no que o sultão concordou através da emissão de um *ahidnâme* (um género de alvará otomano). Mas nem os franciscanos lhe foram leais, nem o sultão manteve a sua promessa. (*Ibidem*, p. 54)

¹⁰ A mãe de Stefan era Vojača, a primeira esposa de Stefan Tomaš Kotromanić, o rei da Bósnia (1443-1461). Quando Lazar Branković faleceu (1458), o irmão Stefan Branković, que era cego, sucedeu-lhe no trono. Stefan Tomaš aproveitou a oportunidade para atacar o despotado sérvio, conquistando Srebrenica e outras cidades. Stefan Tomaš encetou negociações com a viúva do déspota Lazar, Jelena Paleolog (Helena Palaiologina), mãe de Jelena Branković e a filha mais velha de Toma Paleolog (Tomás Palaiologos), déspota de Morea – que tinha dois irmãos, João VIII Palaiologos (penúltimo Imperador Bizantino), e Constantino XI Dragases Palaiologos (último Imperador Bizantino). As negociações resultaram no matrimónio de Stefan e Jelena Branković (em Smederevo, a 1 de Abril de 1459). Eis como Stefan Tomašević acedeu ao trono. Além disso, Stefan estava noivo da filha ilegítima de Francesco Sforza, duque de Milão (provavelmente, Druziana Sforza), e o pai de Stefan enviou uma carta apologética pelo rompimento do noivado. Após a decisão de Mehmed II de invadir Smederevo e abolir o despotado sérvio (10 de Julho de 1461), Stefan Tomašević e Jelena (Maria) escaparam para a Bósnia e levaram as relíquias de São Lucas.

Depois da invasão da Bósnia, algumas partes do vicariato, que não foram ocupadas, separaram-se (Dubrovnik, em 1468; a Croácia, em 1514), enquanto o resto do país se transformou na província franciscana de Bosna Serebrna (*Bosna Argentina*). A Dalmácia separou-se da Bósnia em 1735, e, em 1757, os franciscanos ao Norte do Rio Sava criaram uma nova província, separada, de nome São Ivan Kapistran, pelo que a Bósnia se tornou uma simples custódia (*custodia*). Os patriarcas sérvios ortodoxos na cidade de Peć (província de Kosovo e Metohija) fizeram um esforço, por volta do séc. XVI, para colocar todos os cristãos sérvios no Império Turco sob a sua administração. Os franciscanos insistiram em manter a «fé latina» e que não se poderiam sujeitar ao patriarcado ortodoxo, pelo que tentaram, durante a rebelião na Sérvia, manter a calma na população católica. A título de curiosidade, os franciscanos que haviam estudado na Hungria eram chamados «húngaros», enquanto os que tinham estudado no Vaticano eram denominados «italianos». (*Ibidem*, p. 56-57)

Com a ocupação austro-húngara da Bósnia, em 1878, a missão histórica dos franciscanos estava a chegar ao fim. Os franciscanos bósnios estavam cientes, de qualquer forma, das suas origens étnicas e, quando se tratava de preservar os direitos da sua província, fizeram mesmo frente à «justiça romana», bispos e clero secular, e persistentemente tentaram preservar o alfabeto cirílico. (*Ibidem*, p. 58) Desde a segunda metade do séc. XVI, depois do concílio de Trento (1545 – 1563), a Igreja Católica começou a disseminar a sua doutrina em linguagem vernacular, que inspirou a literatura franciscana na Bósnia. Portanto, a partir do séc. XVII, o franciscano Matija Divković publicou vários livros em caligrafia cirílica bósnia (caligrafia itálica do alfabeto cirílico vulgar, com influências menores de caligrafia glagolítica e latina): «Desde a mais antiga história da Bósnia, esta caligrafia era usada em alvarás, tanto pelos príncipes como por todos os membros de três denominação» [*in caractere serviano*]. (*Ibidem*, p. 60-61)

A caligrafia cirílica foi abandonada no séc. XIX, mas foi preservada entre os franciscanos, por exemplo, nos extensos trabalhos de Fra Grga Martić, que deixou como herança um épico inacabado do Kosovo. A

literatura dos franciscanos era de grande importância para a vida espiritual da Bósnia, porque estava a quebrar o isolamento fatal que a administração turca impôs quando cercou o país. (*Ibidem*, p. 69-70) Como curiosidade, no séc. XX, no Estado Independente da Croácia, fascista, a caligrafia cirílica foi proibida por lei e ainda hoje, no séc. XXI, letreiros oficiais de instituições governamentais escritas em cirílico são destruídas.

Vida Espiritual dos Cristãos Ortodoxos

O quinto capítulo é prova da influência da Igreja Ortodoxa e das suas actividades no desenvolvimento espiritual dos cristãos ortodoxos. Em meados do séc. XV, perde-se a independência nacional sérvia, e até o patriarcado do Kosovo e Metohija, em Peć, declinou; logo, todas as metrópoles foram colocadas sob administração do arcebispado de Ohrid (presentemente, na Antiga República Jugoslava da Macedónia). Por volta de 1557, o responsável pela construção da Ponte sobre o Drina, Sokollu Mehmed Pasha, restabeleceu o Patriarcado de Peć, que atribuiu ao seu irmão Makarije.

Os padres ortodoxos sérvios viviam em condições difíceis, regularmente descalços e subnutridos, às vezes forçados a vender madeira nas cidades próximas para sobreviver. Durante o séc. XVIII, os padres sérvios encontravam-se em situação bem pior; o Patriarcado de Peć foi abolido outra vez e a Bósnia encontrou-se directamente sujeita ao Patriarcado de Tsargrado (Constantinopla). No séc. XIX, durante as guerras entre a Turquia e a Rússia contra rebeldes sérvios, todas as forças apontavam para os sérvios ortodoxos e os seus padres, «pois as autoridades turcas consideravam-nos aliados naturais dos rebeldes ou pessoas de mentalidade semelhante em relação à guerra» (*Ibidem*, p. 76-77). É interessante que um número não pequeno de políticos ocidentais ainda hoje mantém a mesma atitude «turca» em relação aos sérvios.

A actividade das oficinas de impressão sérvias durou pouco tempo, dado que os turcos as fecharam nas primeiras décadas do seu governo. A primeira oficina em Obod, fundada em 1493, rapidamente deixou de

trabalhar. A oficina de Božidar Goraždanin, em Goražde, trabalhou um pouco mais, e Božidar Vuković fundou uma oficina em Veneza, a modos de doação. A meio do séc. XVI, a oficina de Belgrado, fundada por Radiša Dimitrović, funcionou por um curto período e, após a sua morte, o trabalho foi continuado por Trojan Gundulić, de Dubrovnik (hoje, na Croácia). Na segunda metade do século, Jerolim Zagurović, um senhor da mansão de Kotor (hoje, em Montenegro), fazia impressões em Veneza de livros sérvios ortodoxos. Devido ao desaparecimento destas oficinas, a escrita manual era a única forma de copiar livros eclesiásticos, até ao séc. XVIII, quando estes livros começaram a chegar da Rússia. (*Ibidem*, p. 78)

O mais tardar no séc. XIX, o reflorescimento da actividade literária foi registado entre a população sérvia-ortodoxa da Bósnia, e o primeiro escritor secular foi A. M. Šolaja. É verdadeiramente interessante que a literatura secular tenha nascido em Mostar (hoje, na Bósnia e Herzegovina), que se tornou um centro literário, com contadores de histórias e excepcionais escritores: Jovan Dučić (1871-1943), um académico, poeta, novelista, diplomata, embaixador do Reino da Jugoslávia em Espanha (que, depois do corte de relações diplomáticas, por causa do reconhecimento da Croácia nazi, se mudou para Portugal, neutral); Aleksa Šantić (1868-1924), académico, poeta; Svetozar Ćorović (1875-1919), contador de histórias e romancista.

No campo da educação, a população sérvia ortodoxa era mais eficiente e atingia melhores resultados do que a católica, devido, em grande parte, à maior preocupação com a escola, pois esta não estava apenas sujeita aos padres (como no caso dos católicos), mas também aos municípios eclesiásticos seculares. A Igreja Ortodoxa Sérvia em Sarajevo contém nos seus documentos escritos uma nota de que, em 1682, aí viveu um tal Nikola Daskal (*daskal* – professor); é também dito que as escolas sérvias ortodoxas na Bósnia foram fundadas na sua maioria em 1820, e que a primeira escola secundária se abriu em Sarajevo, em 1850. Em 1866, o seminário teológico sérvio ortodoxo foi criado em Banja Luka; o professor que lá se encontrava era um educador excepcional e um doutor do povo de nome Vasa Pelagić (1883-1899). É mérito

histórico da Igreja Ortodoxa Sérvia, indica Andrić, que esta «salvou a continuidade da vida espiritual e da ininterrupta tradição nacional» (*Ibidem*, p. 81-82).

Considerações Finais

Não há um grande número de avaliações relativas à dissertação de Andrić. As razões para tal são, obviamente, do foro ideológico-político.

Nos diários de Rodoljub Čolaković¹¹, um oficial de alta patente na pirâmide partidária de Tito, pode ler-se que ele mesmo, sob pressão de Sarajevo, interferiu de forma a evitar a publicação da dissertação de Andrić no conjunto das suas obras completas. Čolaković *crê* (*sic!* O homem que acabou a escola primária e secundária comercial em Sarajevo e estudou na Academia Comercial de Zagreb avalia a tese doutoral de Andrić) *que a tese foi escrita de forma leviana e considera superficialmente questões extremamente complexas*, pensando ser melhor não permitir a sua publicação, pois vários leitores ficariam desapontados. Naqueles tempos, o que no fundo isso quer dizer é que a obra iria para o *Index librorum prohibitorum*. O tributo de sangue pertence ao passado, mas o tributo de espírito mostrou ser bem mais persistente, e é por isso que um analista paciente, sem qualquer esforço, consegue identificá-lo em várias áreas, mesmo nos dias de hoje. Requer conhecimento, experiência e, acima de tudo, coragem, para, pelo menos, conseguir relativizar o tributo de espírito, especialmente na altura, pela forma bem-sucedida como Radovan Vučković¹² conseguiu.

¹¹ Rodoljub Čolaković (1900-1983), comunista, membro da organização terrorista «Justiça Vermelha» (sentenciado a uma pena de prisão de 12 anos por ter participado no assassinio do ministro do Interior do Reino da Jugoslávia, Milorad Drašković, que foi na altura tratado num hospital croata, em Delnice), activo na guerra civil espanhola, camarada de armas de Tito na Segunda Guerra Mundial, um herói nacional, major-general e notável oficial sociopolítico durante o governo de Tito.

¹² Vučković, R., *Velika sinteza*, Sarajevo 1974, e no posfácio da dissertação de Andrić (Prosveta, Belgrado, 1995). Outros autores também avaliaram a dissertação de Andrić (Smit, H. F., *Rferat o disertaciji Ive Andrića*; Ćirković, S., *Mišljenje prof. Sime Ćirkovića o Andrićevom doktoratu*; Konstantinovič, Z., *O Andrićevom doktoratu*). Ver: *Sveske Zadružbine Ive Andrića*, Belgrado 1982, br.1.

Por vezes, as recensões críticas da tese de Andrić eram pobres. Houve tentativas até de questionar a sua obra completa; eram motivadas por motivos ideológico-políticos¹³. Outra vez, observava-se que o autor tinha à sua disposição fontes de informação limitadas, sendo essa a razão pela qual não lhe foi possível considerar de forma mais fidedigna algumas questões. No entanto, a grandeza desta, ou de qualquer outra dissertação, reside não no seu tamanho, nem na perfeição dos seus pormenores, mas na síntese, que Andrić conseguiu formular, não apenas neste único trabalho científico, mas também, em certa medida, em toda a sua obra literária. A importância da sua dissertação reside no facto de que, enquanto reunindo e analisando os documentos necessários, ele foi bem-sucedido na busca de orientação adequada. Graças a estes documentos e à sua análise, ele compôs um trabalho magnífico «com outra forma e noutra ocasião», e compô-lo como um presente, para nós e para o mundo.

No início do último século, o Prof. Bogdan Popović (1864-1944, crítico literário e ensaísta, professor universitário, académico), nas suas aulas e em estudo literário (*Sobre a Educação do Gosto*, Belgrado 1921, segunda edição) elaborou uma lista de critérios que todos devem cumprir de modo a aproximar a literatura de forma apropriada: 1. Natural e subtil sensibilidade; 2. Imaginação flexível e vívida; 3. Educação geral; 4. Conhecimento de um largo número de obras literárias; 5. Conhecimento literário da língua; 6. Julgamento correcto; 7. Educação competente; 8. Conhecimento do Homem; e 9. Extensa experiência de vida.

Estes traços e qualidades raramente se reúnem numa personalidade, e, quando isso acontece, então um grande autor «aparece». Cada um destes nove traços estavam literalmente incorporados na sua plenitude em Ivo Andrić:

Qualquer um dos seus trabalhos, fosse um romance, um ensaio, um estudo, um artigo, o mais pequeno pensamento anotado (*Os Sinais ao longo da Estrada*), demonstram a sua especial e subtil sensibilidade

¹³ Ver: Šipovac, N., *Tajne I strahovi Ive Andrića*, Belgrado, 2007.

e, acordo com o Prof. Popović, o seu «espírito aberto e alma dedicada à quantidade, qualidade, e intensidade das sensações».

Os arquivos históricos que reuniu enquanto trabalhava na sua dissertação transformaram-se em personagens reais, cujas histórias de vida e destino nós seguimos com excitação e tensão, a história que só pode ser criada pela própria vida e a sua inatingível criatividade, ou por um grande escritor com a sua «imaginação flexível e vívida»:

Educação geral alargada é, pois claro, a pré-condição de qualquer actividade intelectual, e Andrić sabia o que pode se encontrar no seu trabalho, «tudo de alguma coisa e alguma coisa de tudo». (Ver *Ibidem*, p. 7)

O conhecimento de um grande número de obras literárias por parte do nosso vencedor do Prémio Nobel é algo que não pode ser questionado – lidar com literatura, assim como na ciência, implica haver, na abordagem metodológica, um estudo extenso de quase tudo o que foi escrito anteriormente, pois sem essa prolongada sucessão não pode existir civilização. Adquirir conhecimento vários dos antepassados e nesse sentido ser original na sua contribuição é uma característica típica de um grande artista, autor ou cientista¹⁴.

Conhecimento literário da língua não se refere apenas ao conhecimento da gramática e sintaxe, é, na verdade, um requisito muito maior, o requisito que é cumprido quando uma obra, devido ao seu valor e beleza, devido às suas características intelectuais, permanece e *sobrevive*, e apenas livros «bem escritos» sobrevivem (cada livro de Andrić sobreviveu até hoje, não é verdade?). Andrić cumpriu da forma mais completa possível a tarefa nacional, que foi enfatizada pelo académico Jovan Cvijić no seu Discurso de São Sava, em 1907: «É sabido que nós temos que nos preocupar com a nossa língua e história de forma continuada, com a maior atenção. . . » (*Ibidem*, p. 31) Andrić fala da mesma forma na sua lição «Algo sobre Estilo e Língua», quando cita várias outras lições de

¹⁴ «Cada cientista procede dos métodos e resultados obtidos por outros. Todos nós subimos aos ombros uns dos outros. Até os homens que obtiveram grandes resultados são pequenos factores no vasto desenvolvimento da humanidade.» (Cvijić, J., *O naučnom radu i o našem Univerzitetu*, Svetosavski govor, Belgrado, 1907, str. 41)

escritores famosos [por exemplo, Gogol: «Temos de crescer para atingir a simplicidade»; Goethe: «Quem deseja ter estilo puro, necessita de uma mente pura» (alma); Balzac: «O pensamento exacto (correcto) leva consigo a beleza (requisite)»; Anatole France: «Acariciar uma expressão idiomática»], mas salienta que «Devemos aprender, o que é bastante claro, lendo literatura tradicional, e os autores que viveram antes de nós»... (*História e Lenda...*, p. 30-45);

O julgamento correcto, um dos pontos de ligação entre a literatura e a lei – julgar alguém significa julgar as suas acções, e, por isso, saber todos os factos, ser objectivo na crítica e no elogio de cada um, expressar uma opinião de forma imparcial e refinada, prestar atenção ao mérito de um fenómeno, ser guiado por critérios éticos, tudo isto são elementos de julgamento correcto (é uma pena que Andrić não tenha sido também juiz). Quando fala de lei e justiça, Andrić, claro, fala usando linguagem indirecta, artística, metafórica.

Nas paredes de uma igreja abandonada há um fresco gasto: «É o Arcanjo Gabriel, um santo de armadura, com uma espada na mão direita, e uma balança na mão esquerda. Infelizmente, o tempo já o apagou parcialmente. Debaixo das rajadas de vento e da chuva e dos monótonos dias e noites, a pedra disfarçou a imagem masculina do Arcanjo, mas não do fresco, na íntegra; ainda não. Sobram a espada e a balança, sem mãos para as segurar, e tão finas que mal se vêem. Aqui, os dois instrumentos permanecem como vagos símbolos de julgamento e castigo. Símbolos fúteis, quando não existe ninguém para administrar justiça e ninguém para se castigar. Talvez apenas mais uma geração, se tanto, e estes últimos vestígios do fresco desaparecerão» ... (Likovi, *Istorija i legenda*, p. 26 / Personagens, *História e Lenda*).

«Se querem saber como é que um país e a sua administração funcionam, qual o seu futuro, experimentem apenas ver quantas pessoas honradas e inocentes se encontram na prisão, e quantos malféitores e criminosos se encontram em liberdade. Isso mostrar-vos-á da melhor forma.» (*Prokleta avlija / O Quintal do Diabo*, Podgorica, 1996, p. 84).

«Deus e justiça divina!»... Vitomir Tasovac, da vila de Dikava, abanando com os seus indicadores, diz: «Oh, não, não! Justiça, cavalhei-

ros! Justiça! Não há muita no mundo, mas quanto menos houver, mais valiosa esta se torna; e é lenta, é verdade, e vem tarde, mas mais tarde ou mais cedo – ela chega. Por isso é que eu sempre digo: confiem na justiça, e não tenham medo! Justiça! Apenas justiça!» Vitomir estava bêbado, tal como a sua companhia. «O mais provável, de tão inebriado pelas bebidas espirituosas e aturdido pela atmosfera de grande altitude, é estarem a dormir naquele curto e decisivo momento antes da aurora, quando os caçadores de tetrazes acordarem e se colocarem a caminho dos seus alvos.»

Educação competente implica o conhecimento de termos literários e métricas, poética e, como já foi apontado, a relação com a lei, conhecimento de retórica (não há dúvida de que Andrić se sentia confortável a explorar conceitos ou termos, métrica e poética, e costumava escrever como um grande orador).

8 e 9. As duas características restantes podem ser combinadas numa só: conhecimento do Homem em profundidade e extensa experiência de vida parecem andar sempre lado a lado, e aqui Andrić, através das suas personagens, seus dilemas e lutas psicológicas pessoais, assim como através da reflexão sobre o destino do Homem, demonstrou a forma de compreender aquilo que Platão e Sócrates chamavam *daimonion*, a voz interior (da consciência e necessidade) que guia o *homo faber* nesta ou naquela direcção, determinando de forma relativamente positiva ou relativamente negativa o seu papel existencial e talvez histórico.

Assim, tendo em mente as virtudes que há muito foram discriminadas, e que, especialmente quando falamos de literatura, foram enfatizadas pelo Prof. Bogdan Popović, não é difícil concluir que Andrić conseguiu criar, em todos os seus trabalhos, uma ligação entre os métodos e expressões literários, científicos e artísticos, que são considerados como o pico da espiritualidade no mundo.

A vida é o poder que desgasta, fura, rasga e dissolve tudo à nossa volta, incluindo nós mesmos («Gospodjica» – «A Senhorita de Sarajevo»). O cônsul francês Duval lê para um vizir uma tragédia clássica, e o homem rebenta de riso («Travnička hronika» – «A Crónica de Travnik»). Neste sentido, é uma visão de divergência irreconciliável e de

conflito civilizacional. Mesmo após sete anos de experiência e de reflexão sobre a linha que separa as civilizações, o cônsul Duval não conseguiu encontrar solução para estas grandes contradições. Quando o tempo de partir chegou, surgiu-lhe um «pensamento vago, mas recorrente: que algures deve existir o ‘caminho certo’, que ele procurou ao longo da sua vida sempre em vão; que ele existe, e que o Homem, um dia, irá encontrá-lo e desvendá-lo a todos».

A ponte é, pois claro, um símbolo da duração e da conexão das estradas e das pessoas. Dois penhascos inultrapassáveis podem ligar-se apenas com uma ponte. Então, a ponte é a chave para o «caminho certo».

Abandonar o vestígio da identidade permanente é um dos segredos genéticos cuja raiz desaparece no inconsciente e no esquecimento. Às vezes, parece-nos que a humanidade, desde a primeira aurora da consciência, tem vindo a contar constantemente a mesma história ao longo das eras, diz-nos Andrić no seu discurso do Prémio Nobel: «E essa história parece querer, ao estilo da lendária Sherazade, afastar o carrasco, suspender o inevitável decreto do destino que nos ameaça, tentando prolongar a ilusão da vida e do tempo.»

Aqui, onde se encontravam os *limes* do Império Romano ocidental e oriental, onde se encontrava a fatal divisão entre os bogomilos, cristãos ortodoxos e os católicos, essa trindade que continuou a existir posteriormente, sob a forma de cristãos ortodoxos, católicos e muçulmanos, uma nação aparece como uma divindade da Índia, sempre como três hipóstases. A tradição diz-nos que a ponte sobre o Drina, a doação de Sokollu Mehmed Pasha, assenta em dez pilares vulgares e um pilar excepcional. Nesse pilar excepcional, as crianças cristãs foram lá colocadas, como lenda de simbolismo relativo ao destino do próprio dador.

«Eu vi os princípios e sistemas que pareciam mais firmes que granito a dissiparem-se como névoa, ante os olhos indiferentes e maliciosos da multidão, e, até há um momento atrás, era névoa real que defronte destes mesmos olhos se torna firme e transforma em princípios absolutos e sagrados, mais firmes que granito. Eu vi morte, doença, guerras e rebeliões. E perante tudo isso eu perguntei-me qual é o sentido des-

tas mudanças, qual é o plano de acordo como tudo isso acontece e qual é o seu objectivo. E, por mais que eu olhasse, ouvisse ou pensasse, não encontrava nem o sentido, nem o plano, nem o objectivo de tudo isso. Mas eu cheguei a uma conclusão negativa: que o esforço do nosso pensamento pessoal não vale muito e que nada pode fazer; agora, outra conclusão, porém positiva: que devemos escutar as lendas, aqueles vestígios dos empreendimentos colectivos das pessoas ao longo dos séculos, e através deles decifrar, o melhor possível, o significado do nosso destino.» (Razgovor sa Gojom, *Istorija i legenda*, p. 21 / Conversa com Goya, *História e Lenda*). Nesse sentido, devemos ter em conta uma velha lenda sérvia, convertida em poema épico, sobre o edifício de Skadar no Rio Bojana (a cidade encontra-se agora na Albânia).

De facto, sempre que ele escreve sobre a ponte, Andrić conta-nos algo sobre este maravilhoso *ethnos*. Por exemplo, na história intitulada «Most na Žepi» («A Ponte sobre o Rio Žepa»), o grão-vizir Yusuf, quando caiu em descrédito, «relembrou de forma vívida as suas origens e o seu país. Desilusão e dor conduziram-no ao passado. Relembrou o pai e a mãe. [...] Lembrou-se da Bósnia e da sua vila Žepa, de onde foi trazido quando tinha nove anos de idade.» (*Žedj, pripovetke*, Most na Žepi, Zagreb, 1967, p. 226-227 / *Sede, histórias*, A Ponte sobre o Rio Žepa). A ponte foi construída por pedreiros e tijoleiros, os herzegovinos e dálmatas; no Dia de São Demétrio (Sérvio: Mitrovdan), as actividades foram suspensas devido ao Inverno, e antes do Dia de São Jorge (Sérvio: Djurdjevdan) regressaram para continuar o trabalho... (*Ibidem*, p. 229-230).

«O Império Bizantino preservou os tesouros culturais da Antiguidade e, desta forma, continuaram a missão histórica mundial. Preservou o Direito Romano, poesia grega, filosofia e ciência e legaram tudo isso aos povos europeus, quando estes tinham amadurecido o suficiente para o poderem receber.» (Ostrogorski, G., *Istorija Vizantije*, Belgrado, 1959, p. 530 / Ostrogorsky, G., *História do Estado Bizantino*). Os sérvios foram dos primeiros a aceitar inteiramente a herança de Bizâncio e da capital espiritual do mundo e passaram-na às outras nações; basta referir que o Nomocano de São Sava (Sérvio: Zakonopravilo or

Krmčija) (1174/5-1236, príncipe sérvio, escritor, diplomata, monge, primeiro arcebispo da Igreja Sérvia autocéfala) foi usado durante séculos como fonte directa legal na Rússia e Bulgária, que o Código de Dušan (Sérvio: *Dušanov zakonik*) (Stefan Dušan 1308-1355, imperador sérvio, um dos mais poderosos monarcas europeus do seu tempo), na altura em que a lei particular (Latim: *ius particulare*) se encontrava em uso na Europa, era aplicável em todo o território do império e continha as proviões pelo qual a Europa aguardou durante séculos (a ideia de separação de poderes, a provisão de que o estado, como devedor, compensaria por qualquer dano infligido comerciantes estrangeiros no território do Império Sérvio, etc.). Depois da súbita morte do imperador Dušan, o estado, devido a conflitos internos pelo poder, declinou, levando, após mais de trinta anos, à Batalha do Kosovo (1389) e às suas trágicas consequências, não apenas para a Sérvia, mas também para o Império Bizantino (que desapareceria sob o ataque dos islamistas otomanos, 64 anos mais tarde).

Por causa disso, Andrić começa a sua dissertação dizendo que com a invasão de Tsargrado (Constantinopla) «o povo europeu abriu uma ferida». Essa ferida ainda não sarou, especialmente nos Balcãs, ou, como Andrić estimava, que existe um pequeno número de países que experimentaram esse golpe de maneira mais difícil e dolorosa do que a Bósnia. Uma pressão terrível dos islamistas forçou uma quantidade de sérvios a aceitar o Islão, e a mesma pressão do Ocidente convenceu um maior número dessa população a adoptar o Catolicismo. Com o passar do tempo, uma vez que o homem é um *zōon politikon* (Grego: ζῶον πολιτικόν), o carácter desvaneceu-se sob a pressão da influência política. As grandes potências conseguiram, usando divisões religiosas, converter grupos étnicos em nações, porque é mais fácil e mais eficiente a longo prazo governar povos divididos e lutando entre si. No final do seu romance *A Fortaleza* (Sérvio: *Tvrđjava*), Meša Selimović escreve sobre isso mesmo: as bandeiras militares foram desfraldadas e os tributos cobrados. «As pessoas amaldiçoaram todas as guerras no mundo, mas pagaram o tributo e foram para o exército. Os rebeldes eram apenas os camponeses de Župča. Repeliram os oficiais imperiais e até se opu-

seram a pagar os tributos e o sistema de *devshirme*. Mas os guardas armados regressaram e levaram-nos a todos. Quem será executado, dos que foram levados? E onde?... Nos campos desconhecidos e longínquos?... Os seus nomes não fazem qualquer diferença, o seu destino é o mesmo... Será que estas minhas crianças trilharão o mesmo caminho, quando crescerem?... Provavelmente, fá-lo-ão, mas não quero acreditar. Não quero acreditar, mas não consigo livrar-me dessa ansiedade.»

Tsargrado (Constantinopla), a ponte Euroasiática, já não existe no Bósforo. A sua substituta fica no Drina e nos dois lados do rio vivem os sérvios étnicos divididos: cristãos ortodoxos, muçulmanos e católicos. O inocente rapaz sérvio, vítima do tributo de sangue, que foi convertido a uma outra fé, mas que não alterou a sua nacionalidade, talvez por causa disso mesmo, como alto dignitário amadurecido, construiu a magnífica ponte sobre o Rio Drina. Praticamente da mesma forma, alguns séculos depois, de etnia inalterada, o nosso vencedor do prémio Nobel Ivo Andrić escreveu o magnífico romance *A Ponte sobre o Drina*. Essa ponte representa, de facto, a etnia, o único tecido conectivo do novo Bósforo, a ponte no meio do quintal do ocidental *istochnik*¹⁵ (Sérvio: istočnik). É óbvio que esta ponte étnica se dispersa por uma região mais alargada, mas a ponte no Drina é um paradigma de todas as pontes. Na história intitulada «Um Sonho sobre uma Cidade» («San o gradu»), Andrić fala-nos sobre um tipo de conversão religiosa diferente, pacífica e suave: «Imaginem o quão suave e harmonioso o nosso discurso se torna, atravessando a Bósnia e Herzegovina, até chegar ao distrito de Dubrovnik, onde as camponesas falam com a beleza e dignidade de rainhas. Imaginem, para além disso, os nossos «eslavos» que se livram das suas vestimentas de pele de cabra e deixam o seu rebanho aos pastores quando vêm o mar. Eles põem-se apresentáveis, aprendem, negociam e usam em transacções diárias a fortuna adquirida, passam-na de geração em geração até perder a pungência e o mau odor do suor e a sombra

¹⁵ Istochnik – De acordo com o folclore sérvio, é o Sol do início da manhã que ilumina a fonte localizada a Este, onde se vive, na Sérvia. Na crença sérvia, este Sol matutino é interpretado como o Cristo vivente, e a água iluminada pelo Sol ganha propriedades curativas.

do regateio e o brilho da novidade, até que finalmente se transforma em harmonia social, em arte, fulgor, em pensamento criativo. Aceitando a fé, eles iniciam actividades construtivas. Mesmo hoje, depois de tantos séculos, através das camadas talhadas nas rochas organizadas de forma profícua em edifícios como a Torre Minčeta, o Forte Lovrijenac e a igreja de São Vlaho, nós podemos ouvir claramente as palavras denotando o poder tranquilo, o auto-controlo, a paixão pela criação.» (Priče o moru, *Laguna*, Belgrado, 2011, p. 125-126 / *Histórias sobre o Mar*).

Portanto, quando um leitor se aproxima da magnífica ponte sobre o Drina, ele reconhece os irmãos Mehmed e Makarije, Ivo e Radisav, Rade e Rada e Vuk e um tocador de *guzla*, Meša e Emir, e muitos outros, e, de facto, ele mesmo/ela mesma, e só então consegue entender qual é o «caminho certo». E essa é a ponte que as *pessoas* atravessam todos os dias, independentemente das divisões religiosas, raciais, nacionais e qualquer outra divisão e afiliação, porque todos nós estamos erguidos num local onde existe por baixo um abismo ou um rio inchado, nomeadamente, um fosso espreitando cada escorregadela nossa.

De cada vez que anota algo concreto, Andrić consegue captar um germe da qualidade geral que ele nunca mais abandona. Nessa unidade concreta e abstrata, aparência e paradigma, reside o segredo de cada literatura, ciência e arte, e é por isso que propomos, parafraseando Schopenhauer, estar em pé e de frente para a obra de Andrić, enquanto enfrentamos o governante, esperando por aquilo que quer anunciar. Ler Andrić de modo preconceituoso, especialmente de natureza ideológico-política, é, acima de tudo, rude, porque o leitor ouve-se apenas a ele mesmo/ela mesma, e até indignamente, porque, dessa forma, ignoramos o mensageiro da verdade e o seu magnífico edifício espiritual através do qual recebemos uma mensagem secreta do frágil destino do indivíduo, e da vasta realidade do homem.



FCT Fundação
para a Ciência
e a Tecnologia

**Esta publicação foi financiada por fundos nacionais através da
FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P. no âmbito do
Projecto «UID/ELT/00077/2019»**



O Prof. Doutor Oliver B. Antić nasceu e completou os seus estudos em Belgrado, na Sérvia. Concluiu o Master of Laws em 1978 e o doutoramento em 1983, ambos pela Faculdade de Direito da Universidade de Belgrado. O Prof. Antić é professor na Faculdade de Direito da Universidade de Belgrado desde 1975, quando foi admitido como docente adjunto (docente / 1984-1990; professor associado / 1990-1996). Desde 1996, quando obteve o cargo de Professor de Direito, ensina na Universidade de Belgrado e na Universidade de Sarajevo Oriental. Em 1987-88, depois de receber uma bolsa Fulbright, tornou-se Professor Visitante da Faculdade de Direito da Universidade de Michigan.

Ocupou ainda os seguintes cargos: Presidente da Comissão de Estado para a Reforma da Lei das Heranças; Membro da Comissão para a Reforma do Direito Contratual; Presidente do Conselho do 'Exame da Ordem'; Chefe do Departamento de Direito Civil da Faculdade de Direito da Universidade de Sarajevo Oriental; Membro da Comissão para a elaboração do Código Civil da Sérvia; Membro da Comissão para os actos notariais da Sérvia; Decano da Faculdade de Direito da Universidade de Belgrado de 1998 a 2000; Director do Instituto de Direito Comparado de 1997 a 2001 e Assessor Jurídico do Presidente da República da Sérvia.

O Prof. Oliver B. Antić é autor de várias obras e artigos publicados na Sérvia e no exterior (em inglês, francês e português) sobre Introdução ao Direito Civil, Direito das Obrigações, Lei de Herança e sobre Direito Contratual e de Responsabilidade Civil e traduziu três livros: 1. Walid Phares, *Future Jihad*; 2. Walid Fares, *A Guerra das Ideias*; 3. Alan Watsons, *Transplantes Legais* (co-autor com o Prof. Dr. Sima Avramović).

O Prof. Oliver B. Antić é desde 2016 Embaixador da República da Sérvia para Portugal, desde 2017 é Embaixador não-residente para Cabo Verde, desde 2018 é Embaixador da Sérvia junto da CPLP e desde 2019 é Embaixador não-residente para São Tomé e Príncipe.